



II Encontro Capixaba de Pesquisa em Educação Ambiental

(RE)PENSANDO AS POLÍTICAS PÚBLICAS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

23, 24 E 25 DE SETEMBRO DE 2020

O OLHAR DO PROFESSOR PARA O CURRÍCULO LOCAL: AS CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Vilma Rodrigues da Silva Aguiar¹

Luan Ericlis Damazio da Silva²

Juliomar de Jesus Cruz³

Diogina Barata⁴

Marcos da Cunha Teixeira⁵

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9394/96, enfatiza que o ensino tem que ser igualitário e acessível a todos, garantir equidade e a universalidade dos direitos do cidadão (RASIL, 1996). Neste sentido, é importante não homogeneizar o currículo, e sim, moldá-lo à realidade dos educandos. Para Krasilchik (2016, p.43), “o currículo é um caminho a seguir, ou seja, é feito por uma instituição que assume também a responsabilidade de colocar em prática uma proposta educacional e avaliar seus resultados”, nesse sentido a autora destaca a importância do currículo como forma de avaliação e obtenção de resultados. Entretanto, Lopes (1999), fala que “[...] o currículo é visto como um terreno de produção e criação simbólica, no qual os conhecimentos são continuamente (re) construídos”, na visão do autor o currículo não pode ser reconstruído e adaptável, mas, para isso, é importante que a escola tenha um olhar crítico para a realidade da comunidade, respeitando crenças, costumes, histórias, economia e valores, ou seja, a identidade social dos sujeitos ali inseridos. “Na Educação Básica, a organização do tempo curricular deve ser construída em função das peculiaridades de seu meio e das características próprias dos seus educandos, não se restringindo às aulas das várias disciplinas” (BRASIL, 2013, p. 27). Ao contextualizar os conteúdos de acordo com as peculiaridades dos educandos, a escola, possibilita uma aprendizagem mais próxima à realidade deles. Para o professor, o currículo viabiliza a organização dos planejamentos pedagógicos, pois o mesmo consiste em direcionar os conteúdos que devem ser ensinados.

Baseando-se no currículo regional, Silva (2017) aponta a intervenção social como uma das precursoras para a inclusão dos saberes locais no currículo das escolas. “Uma vez que o currículo implica formação humana, entendemos que é pertinente refletirmos sobre as (re) significações da noção de currículo e identidade” (RODRIGUES, e OLIVEIRA, 2013). O

¹ Graduado pelo Curso de Licenciatura em Ciências e Biologia da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, vilmaaguiar14@gmail.com;

² Mestrando do Curso de Pós Graduação em Estado e Sociedade da Universidade Federal do Sul da Bahia - UFSB, luan.dam@outlook.com;

³ Graduado pelo Curso de Licenciatura em Ciências e Biologia da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, juliomardejesus@gmail.com

⁴ Doutor pelo curso de Biodiversidade Vegetal e Meio Ambiente pelo Instituto de Botânica de São Paulo – IBSP, Professor da Ceunes/Ufes

⁵ Doutor pelo Curso de Entomologia da Universidade Federal de Viçosa – UFV , Professor da Ceunes/Ufes

currículo local procura respeitar o social, político e cultural dos educandos e o meio onde vivem. Para Loureiro (2019) “se um educador trabalha com todos abstratamente ou com indivíduos pensados sem lugar social, a tendência é reproduzir o padrão de relações hierarquizadas entre grupos e saberes”. Nesse contexto, Freire (2016) também faz a mesma crítica em que o professor deposita seu conhecimento, sem levar em conta a aprendizagem. Portanto, baseando-se no currículo local, a intervenção pedagógica tratou das percepções e discursos que permeiam a Educação Ambiental e as diferenças curriculares entre as escolas do campo e as escolas urbanas. Sendo assim, a pesquisa caminhou pelo método qualitativo a fim de melhor compreender o contexto local. Nesse sentido, segundo Suassuna (2008), “a pesquisa qualitativa se preocupa não tanto em quantificar fatos e fenômenos, mas em explicar as sinuosidades das relações sociais, considerando que a ação humana depende estreitamente dos significados que lhe são atribuídos pelos atores sociais”. A metodologia baseou-se em questionário aberto e entrevistas livres com professores da rede municipal da Escola Nativo – Barra Nova/ São Mateus - ES. Foram entrevistados 12 profissionais, e em seus discursos referentes à Educação Ambiental e o currículo. Para discussão deste trabalho serão analisadas as entrevistas livres e as seguintes perguntas. Veja abaixo quadro 1.

Quadro 1- Perguntas direcionadas aos professores entrevistado

1°	Para você o que é Educação ambiental?
2°	Você sempre trabalhou na escola do campo?
3°	Você pode diferenciar como é trabalhar na escola do campo e na escola tradicional urbana?
4°	Para você a Educação ambiental trabalhada nas duas escolas é diferente ou não?

Nas entrevistas os professores deixaram claro que uma educação ambiental voltada para o projeto de educação do campo deve estar vinculada à realidade da comunidade. Assim, TORRES *et al* (2014, p.15) reafirma esse discurso ao dizer, “defendemos, assim uma pedagogia que esteja voltada à inserção dos educandos em seu processo de ensino e aprendizagem, que os constitua como sujeitos no mundo e que gire em torno das relações existentes entre sociedade, cultura e natureza”. O diálogo dos autores reforça a importância da educação ambiental como elemento na construção da sustentabilidade do campo, respeitando-se as formas de sobrevivência que as comunidades desenvolveram ao longo do tempo nos modos de se relacionarem com a natureza.

Ao observarmos a fala a seguir: “*Se você for trabalhar a questão da Educação Ambiental e você for conscientizar os alunos que estão nessa região, a questão da moradia em si próxima do mangue, a Educação Ambiental tem que ser cem por cento voltado ali.[...]*”. Ele, além de morar ali, próximo do mangue, ele vive dali, muitos desenvolvem atividades econômicas ali, a sustentabilidade vem do mangue, percebemos que o participante faz referência ao extrativismo, destacando o mangue como fonte de sobrevivência para o estudante. O discurso demonstra preocupação com a preservação do mangue e da fonte de renda sustentável. Segundo Delizoicov e Delizoicov (2014, p.81) “é neste contexto formativo, envolvendo um amplo aspecto de distintas concepções e práticas docentes, que se encontram professores da educação básica dedicando-se a implementar a EA.” Pelas palavras



II Encontro Capixaba de Pesquisa em Educação Ambiental

(RE)PENSANDO AS POLÍTICAS PÚBLICAS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

23, 24 E 25 DE SETEMBRO DE 2020

do entrevistado é possível distinguir, claramente, que o projeto de educação do campo guarda um compromisso direto com a realidade das comunidades rurais.

Outro aspecto importante é a plena consciência da maioria dos educadores entrevistados quanto às diferenças do projeto da educação do campo para a escola tradicional urbana e da educação ambiental nesse processo. *“Lá na cidade eles trabalham o tema voltado mais pro calendário, dia tal: dia da água, mês de março, em Abril, mês de junho, meio semana do ambiente. Lá é voltado pras datas comemorativas. Claro que é feito um trabalho de conscientização, de educação dentro da sala de aula, com textos, com cartazes e tudo mais, conscientiza? Conscientiza! Mas, aqui não é voltado só pras datas comemorativas. Os temas geradores do currículo em si que são trabalhados na escola do campo, ele é trabalhado por exemplo por trimestre, não é só na data comemorativa, então o tempo que é trabalhado e a forma como é trabalhado ele aprofunda mais, tem continuidade maior no processo, porque além de você trabalhar a teoria, você faz o trabalho voltado para o problema local”*. Esse aspecto fica explícito quando o educador defende a importância da valorização dos saberes culturais que o estudante traz para a escola e também quando afirma que seguem a proposta.

Nesta fala: *“Você junta os problemas locais da comunidade, das famílias, traz para a escola e sugere um ponto de aprofundamento dentro de um tema gerador. No encontro de aprofundamento entra a questão científica, os estudos científicos. Para fazer o que? Levar um retorno para o problema social. Então tem muita diferença”*, embora não esteja explícito, é possível perceber a presença de uma ação interdisciplinar e da transversalidade instrumentalizada no trabalho com os temas geradores. Escola e comunidade, problemas acadêmicos e problemas sociais, saberes tradicionais e saberes científicos se integram na formação dos estudantes. Esta fala está em concordância com Silva (2017), quando diz que o currículo precisa da sociedade e, ao mesmo tempo, a sociedade precisa que o currículo esteja mais próximo da sua realidade. Quando o currículo se distancia do papel social, ele acaba se distanciando da realidade de seu entorno.

Por fim, as falas dos professores sobre as práticas de educação ambiental trabalhada no currículo da escola do campo, fazem perceber a importância da territorialização do currículo, bem como os saberes culturais, para que estes sejam mais integrados e façam mais sentido aos estudantes, valorizando e contribuindo ainda mais na preservação dos saberes culturais e modos de vida característica da região.

Referências

- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Disponível em http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/pdf/0_BNCC-Final Acesso em 15.09.2020.
- DELIZOICOV, D., DELIZOICO, N. C. Educação Ambiental na Escola. In: LOUREIRO, C.F. B, JULIANA. R T.(Ogs). **Educação Ambiental: dialogando com Pulo Freire**. São Paulo: Cortes, 2014.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido: saberes necessários á prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra. 64º ed. 2016.
- KRASILCHIK, M. Planejamento Curricular. In: Myriam Krasilchik. **Praticas de Ensino de Biologia**. 4ª ed. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2016



II Encontro Capixaba de Pesquisa em Educação Ambiental

(RE)PENSANDO AS POLÍTICAS PÚBLICAS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

23, 24 E 25 DE SETEMBRO DE 2020

LOPES, A. R. C. **Conhecimento Escolar: ciências e cotidiano** Editora da UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – Rio de Janeiro- EdUERJ., 1999

LOUREIRO, C. F. B. **Educação ambiental: questões de vida** In: Carlos Frederico. B. Loureiro. **Boas-Vindas Boa Leitura!**. São Paulo: Cortes, 2019.

RODRIGUES, E. J, OLIVEIRA. O. V. **Currículo e identidade: (re) significações no campo curricular**. Espaço do Currículo, v.6, n.3, p.383-395, 2013.

SILVA, T. T. da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3ª ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.

SUASSUNA, L. **Ensino de língua portuguesa: os gêneros textuais e a “ortodoxia escolar”**. **Leitura, escrita e ensino**. Maceió: EDUFAL, p. 111-136. 2008.

TORRES, J. R, FERRARI. N. MAESTRELLI, S. R. P. Educação Ambiental crítico-transformadora no contexto escolar: teoria e prática freireana. In: Carlos Frederico Bernardo Loureiro, Juliana Rezende Torres,. (Ogs). **Educação Ambiental: dialogando com Pulo Freire**. São Paulo: Cortes, 2014.